

A gata, ainda sonolenta

As pequenas e as últimas coisas: um volume colige as composições líricas da poetisa portuguesa Ana Luísa Amaral. Delas emana uma profusa e inquieta vitalidade.

*Uma resenha de Beate Tröger
Zeit online, 12 maio 2021*



Na primavera de 2020, Portugal deveria ter estado presente na Feira do Livro de Leipzig como país convidado. Mas tal não aconteceu, e o mesmo se repetiu nesta primavera. A sua presença foi adiada para 2022. Impulsionado pelo foco temático centrado num país, que caracteriza a Feira do Livro, sobe o número de títulos traduzidos, abrindo assim a oportunidade de descobrir nova literatura portuguesa. E é de uma verdadeira descoberta que se trata no caso de *What's in a name* de Ana Luísa Amaral. O livro apresenta em tradução alemã de Michael Kegler e Piero Salabè, com o título *Was ist ein Name*, uma seleção de poesia da autora e professora de estudos literários, nascida em 1956, que se conta hoje entre as poetisas mais conhecidas do seu país, tendo dado à estampa, em 1990, o primeiro dos seus até agora sete volumes de composições líricas.

Nos seus poemas, Ana Luísa Amaral lança mão de diversas tradições literárias. A par das portuguesas, de Luís de Camões a Fernando Pessoa, desempenham para ela um papel relevante as de três nomes da literatura mundial, como se fica a saber de uma sessão de leitura ocorrida em Washington em abril de 2019, na Library of Congress, e acessível na Internet. Aí, a poetisa conta-nos como, ainda jovem mulher, se estava a sentir cada vez mais deprimida com a leitura dum trabalho sobre o exílio interior em Elisabeth Jennings, Sylvia Plath e Anne Sexton. Falou disso à sua professora durante um encontro. Esta deu-lhe para a mão a *Poesia Completa* de Emily Dickinson. No comboio, de regresso, Ana Luísa Amaral folheou-a perplexa, já em casa entregou-se de novo aos seus estudos. Quando de noite, já tarde, voltou a abrir o livro, deparou com o poema *I have never seen Volcanoes* – e tinha encontrado a chave da obra de Dickinson. Sobre o tema escreveu então a tese de doutoramento. Nas suas palavras, a “excessividade implosiva” ainda hoje a fascina tanto como as obras inesgotáveis de William Shakespeare e do poeta visionário William Blake.

Podemos ler os poemas de Ana Luísa Amaral à luz destas referências literárias. E também na tradução alemã, que nunca poderia reproduzir a sonoridade específica e o ritmo do original português, os poemas são impregnados de uma vitalidade contemporânea, curiosa, inquieta, de uma relação apaixonada e comprometida com o mundo. Para este compromisso aponta já o título do livro. *What's in a name* cita *Romeu e Julieta*: “*What's in a name? That which we call a rose / By any other name would smell as sweet?*” Em

Shakespeare, Julieta pronuncia estes versos e lamenta a hostilidade entre Capuletos e Montéquios, cujos nomes impedem o amor entre ela e Romeu. Na sessão de leitura em Washington, a poetisa chama a atenção para a forma como os nomes condicionaram poderosamente o olhar dos outros, pré-construindo expectativas.

O poema de Amaral *What's in a name?*, que dá título ao livro, toma uma certa posição contra este poder e aqueles que o perpetuam: “Linhagens, chãos servis, raças domadas por algumas sílabas, alicerces da história nas leis que se forjaram a fogo e labareda”. Mais forte que o poder e o peso dos nomes “ficará o amor, ficarás tu e eu – mesmo na morte,/ mesmo que em mito só”. Estes versos “perambulam” entre Shakespeare e a primeira carta de S. Paulo aos Coríntios (“Agora subsistem estas três: a fé, a esperança e a caridade; mas a maior delas é a caridade”). O poema aproxima o amor do campo da espiritualidade, do mito, sublinhando o seu alcance e a sua força supra-individuais.

O modo como a linguagem constrange, cria ordem e também estabelece laços onde as suas fronteiras se dissolvem, os poemas de Amaral entendem-no ora como maldição, ora como bênção. O carácter ambivalente do instrumento língua contamina o ofício da escrita poética: “Dar nome a estas coisas, porque a pupila assim as reconhece (...) é sempre, e mesmo assim, um reduzido ofício (...) e, mesmo assim, de nomes falo: porque não sou capaz de melhor forma”. A autora trabalha constantemente com asserções opostas. Ao poema *Minha senhora de quê* contrapõe-se outro com o título *Minha senhora de nada*, ao poema que dá nome ao livro responde *O que não há num nome*, que tem por centro uma criança recém-nascida “sem nome ainda/ mas de uma incontável/ perfeição inteira”.

Tradução: Aires Graça